



DENTES-DE-LEÃO, CARDOS, LÓTUS: REFORMADORES E REFORMADORAS AUDAZES DA PERIFERIA E DAS MARGENS

Dandelions, Thistles, Lotuses: Audacious Reformers from the Wayside and Margins

Mary (Joy) Phillip*
Trad. Alex Blasi de Souza

Resumo: O artigo reflete sobre mulheres reformadoras do sul global e sua contribuição para reformas das mais variadas, como as indianas Jodha e Prasanna Kumari Samuel, e a africana Musimbi Kanyoro. A autora utiliza as metáforas das flores de dente-de-leão e de cardo, bem como a flor de lótus para falar da teologia e da vida de mulheres reformadoras. Apresenta como características das Reformadoras de diversos contextos o fato de serem vilãs mas não vítimas, silenciadas mas não mudas, malditas mas curativas, diferentes mas com uma diferença, bagunçadas e messiânicas.

Palavras-chave: mulheres reformadoras, contexto

Abstract: The article reflects on women reformers in the global South and their contribution to reforms of the most varied, such as the Indian Jodha and Prasanna Kumari Samuel, and the African Musimbi Kanyoro. The author uses as the metaphors of the dandelion and thistle, as well as the lotus flower to speak about the theology and the life of women reformers. She presents as characteristics of the women Reformers of diverse contexts the fact that they are villains but not victims, silenced but not silent, cursed but healing, different but with a difference, messy and messianic.

Keywords: women reformers, context

Introdução

O chamado para artigos para a unidade Martim Lutero e Tradições Globais, da Academia Americana de Religiões, para 2015 começou assim: “Nós convidamos artigos sobre contribuições específicas de mulheres à Reforma” e como exemplos de mulheres conectadas à Reforma os nomes de duas mulheres foram incluídos no chamado – Argula, Katharina.

* Doutora em Teologia - Waterloo Lutheran Seminary, Canadá. E-mail: mphilip@wlu.ca



Tanto Argula quanto Katharina eram do norte global e eu me perguntei se não haveria mulheres que poderiam ser vistas como reformadoras no sul global, especialmente da Índia. Então lá fui eu pesquisar. Não consegui encontrar muito sobre mulheres e Reforma no que diz respeito ao sul global no século XVI, mas a História apontou para uma mulher que interrompeu o modo convencional de pensar e agir e trabalhou para a transformação de estruturas e sistemas que eram opressivos não apenas para mulheres, mas para toda a ordem criada. Ela não era cristã, muito menos luterana. Ela era uma princesa Rajput chamada Jodha. Nascida Heer Kunwari, há questões sobre a autenticidade do nome Jodha, mas é bastante provável que Heer Kunwari era a esposa de Akbar, o imperador Mughal. Casamentos políticos de conveniência eram comuns naqueles tempos e Jodha foi vítima desse arranjo (o Taj Mahal foi construído pelo Xá Jahan, neto de Jodha e Akbar).

Akbar era considerado um imperador duro e sem coração, e seu casamento a Jodha nada mais era que um modo de expandir seu império. Porém, um atalho para a expansão de seu império acabou se tornando uma jornada de transformação e, importante, reforma. Jodha era uma mulher animada que amava ferozmente sua terra e todas as pessoas que viviam nela. Ela era conhecida por sua aceitação de outras religiões/tradições de fé. Embora casada com um muçulmano, Heer Kunwari recebeu permissão de Akbar para continuar seguindo suas tradições e festivais hindus, e isto levou às políticas inclusivas dos Mughals e também mudanças significativas na corte Mughal. Educação para crianças, especialmente meninas, foi tornada obrigatória. Medidas foram tomadas para melhorar as condições das pessoas pobres e sem-teto.

Então, qual é a relevância de Jodha ou Heer Kunwari no que diz respeito à Reforma? Lutero, com sabemos, não era fã de pessoas muçulmanas ou dos turcas, como ele as chamava, embora ele tinha alta consideração por sua ética e as considerava sagradas, mas não abençoadas ou salvas. Eu não conheço nenhuma referência que Lutero tenha feito ao hinduísmo também. Mas aqui estava uma hindu, e uma mulher, e casada com um muçulmano, que era uma reformadora por conta própria.

Educação de mulheres não era comum nos tempos de Lutero e a situação das mulheres na Índia era a mesma (desde os tempos védicos, caiu para 0,3%). Tanto Lutero como Jodha levantaram a voz contra essa injustiça e provocaram mudanças que, de outra forma, eram consideradas impossíveis.

Como Katharina von Bora, Jodha era bastante empreendedora. Ela não criou cerveja, mas teve perspicácia de negócios e a história a conhece como uma das mais bem-sucedidas mulheres comerciantes da corte Mughal. Jodha pode não ter sido luterana, mas ela era uma reformadora. Então, quem são as Jodhas do sul global que foram reformadoras por direito próprio? Por que não destacamos seus nomes? A razão poderia muito bem ser que não as



conhecêssemos, nem a existência do seu trabalho. Ou, talvez, que elas não fossem consideradas dignas de serem chamadas de reformadoras. Seja o que for dito e feito, houve e há Jodhas entre nós ainda agora e este artigo é assim um tributo às Jodhas, as mulheres reformadoras do sul global.

Mulheres Reformadoras de contextos diversos

Apresento aqui algumas mulheres que podem ou não ser classificadas como teólogas, mas que ao longo dos anos trabalharam em vários papéis em suas aldeias e países, mulheres que eu ousou dizer são (foram) reformadoras.

Ramiaramanana Ralivavo Marthe, Parmata Abasu Ishaya, Marthe Ahmadou, Prasanna Kumari Samuel, Musimbi Kanyoro são apenas algumas. Eu tive o privilégio de conhecer duas delas pessoalmente, Prasanna Kumari Samuel da Índia e Musimbi Kanyoro do Quênia, e é para elas que eu volto minha atenção agora.

Uma médica, Dra. Ramiaramanana Ralivavo Marthe¹, foi presidenta do Sínodo Norte e vice-presidente do comitê do Conselho Nacional das Mulheres da Igreja Luterana do Madagascar. Em agosto de 1957, a Igreja Luterana do Madagascar enviou quatro pessoas para participar da reunião da Federação Mundial Luterana realizada em Minneapolis; Dra. Ralivavo Marthe foi uma delas. Seu trabalho levou à união das várias associações de mulheres e, assim, ao ganho de status nacional para o Departamento de Mulheres (Igreja Malgaxe). Parmata Abasu Ishaya² foi a segunda mulher africana a ser vice-presidente da FLM e assinante da Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação. Uma membro leiga da Igreja Luterana de Cristo na Nigéria (LCCN), Ishaya é educadora, ensinou e administrou escolas por vários anos na Nigéria e ascendeu ao cargo de Secretária Permanente no Estado de Adamawa, na Nigéria.

Marthe Ahmadou³ é membro da Igreja Evangélica Luterana nos Camarões e, desde 1984, tem atuado em várias mudanças e posições na FLM, especialmente com WICAS (Mulheres na Igreja e Sociedade) até 2009. Em suas palavras:

¹ A informação e breve biografia da Dr. Marthe são tomadas com permissão da Memória Institucional da FLM, DPO/serviços de Arquivo, mai. 2015/bb.

² A informação e breve biografia da sra. Ishaya são tomadas com permissão da Memória Institucional da FLM, DPO/serviços de Arquivo, mai. 2015/bb.

³ A informação e breve biografia da srta. Ahmadou são tomadas com permissão da Memória Institucional da FLM, DPO/serviços de Arquivo, mai. 2015/bb.



Ser líder significa muitos sacrifícios, como a líder é o motor, uma locomotiva, uma guia. Ser uma líder significa ter uma visão para essas mulheres, com um objetivo preciso e objetivos a serem alcançados... para poder permanecer no mesmo nível que as mulheres, a fim de orientá-las para uma colaboração sincera... significa saber como ouvir, ver, dialogar, comunicar, incentivar, tomar as decisões certas e apreciar...⁴

A falecida Rev. Dra. Prasanna Kumari foi vice-presidente da Federação Luterana Mundial 1997-2003 e membro do Conselho da FLM. Ela também foi Secretária Executiva da Igreja Evangélica Luterana Unida na Índia (UELICI) e de sua Secretária de Mulheres. No momento de sua morte, Prasanna era doutoranda na Escola Luterana de Teologia em Chicago (LSTC), com graduação prevista para maio de 2006. A LSTC conferiu-lhe um diploma póstumo em teologia sistemática com base em sua dissertação: "As experiências das mulheres Dalit: um imperativo teológico para a construção da teologia feminista indiana". Seu orientador de doutorado, o Prof. Vítor Westhelle, disse isso dela e cito:

A questão da responsabilidade, da resposta, da prestação de contas, revela o que está em jogo na distinção entre internacionalismo e globalização. Dra. Prasanna Kumari Samuel conhecia bem essa distinção. Dr. Kumari Samuel [...] sabia por quem era responsável [...] as mulheres marginalizadas concretas nas cidades, aldeias e campos de seu local de nascimento. Ela [...] ouviu e viu os relatos dramáticos das cruces das pessoas em muitas partes do mundo; ela ouviu histórias de esperança e testemunhou eventos de ressurreição [...] ela deu a si mesma para as pessoas mais marginalizadas de sua terra natal, as dalits, e entre elas, em particular, as mulheres."⁵

Musimbi Kanyoro é membro da Igreja Evangélica Luterana no Quênia e trabalhou com a Federação Luterana Mundial por 10 anos, 1988-1998. Foi Secretária Executiva de Mulheres na Igreja e Sociedade, e depois no Departamento de Estudos e no Departamento de Missão e Desenvolvimento. Musimbi descreve a si mesma e seu trabalho nas seguintes palavras:

Eu venho de Nairóbi. Fui educada tanto no Quênia quanto nos EUA. Meu interesse e envolvimento em questões de mulheres realmente começaram nos EUA, mas foi no final da Década das Nações Unidas para as Mulheres, quando nós, enquanto mulheres quenianas, estávamos preparando para sediar o final do Fórum e Conferência da Década que eu realmente me envolvi em uma análise profunda das questões das mulheres e na liderança das mulheres."

A paixão de Musimbi pela dignidade e pelos direitos das mulheres tem sido amplamente reconhecida e ela foi candidata ao Prêmio Nobel da Paz. Ela trabalhou incansavelmente para promover a justiça de gênero e lutar contra a violência doméstica e sexual contra as mulheres, o estupro, a discriminação e outras formas de injustiça contra mulheres e meninas.

⁴ A informação e breve biografia da srta. Ahmadou são tomadas com permissão da Memória Institucional da FLM, DPO/serviços de Arquivo, mai. 2015/bb.

⁵ Da cerimônia memorial da Rev. Dra. Prasanna Kumari Samuel na Escola Luterana de Teologia, em Chicago, em maio de 2006.



Estas são mulheres luteranas em posições de liderança, tanto a nível internacional como em suas igrejas locais, profundamente conectadas e comprometidas com o local de onde vieram e que estavam determinadas a fazer a diferença para a situação das pessoas pobres e marginalizadas. Para elas, essa era parte integrante do seu chamado. Sua identidade estava intimamente ligada à sua vocação.

Ramiaramanana Ralivavo Marthe, Parmata Abasu Ishaya, Marthe Ahmadou, Prasanna Kumari Samuel e Musimbi Kanyoro são mulheres das "margens", do sul global, países do terceiro mundo, países subdesenvolvidos - os rótulos são variados. Elas estavam na periferia do caminho da academia teológica convencional. Margens, periferias são onde brincam o perigo, a morte e a ameaça. Mas como o poeta diz: "Onde o perigo reside, cresce também o que salva."⁶ Sim, elas vieram de lugares de opressão, mas através de sua voz e ação elas transformaram-nos em lugares de vitalidade, tenacidade e esperança.

Essas mulheres são dentes-de-leão e flores de cardo. A identidade de uma mulher, seja a de Prasanna, Ishaya ou qualquer uma de nós, é comparável a um dente-de-leão. Como os floretes em um dente-de-leão, ela é uma agregada em uma relação de consórcio com todos os diferentes papéis - mãe, cônjuge, parceira, trabalhadora, filha, nora, tia, amiga - cada uma conectada ao talo por um cordão que as mantém unidas, mas também permitem que se projetem para os lugares pretendidos. O talo é firmemente fixado no chão por suas experiências enraizadoras, que serpenteiam no coração da terra. Apesar da supressão e da opressão dos séculos anteriores, ela tem sido persistente ao fazer sentir a sua presença. Ela é como o dente-de-leão, que é difícil de exterminar e se regenera a menos que seja completamente removido.

As mulheres acima mencionadas, como esses dentes-de-leão, são teimosas e onipresentes, e quanto mais elas foram rotuladas como ervas daninhas, mais profundamente elas cavaram e tomaram raízes firmes, continuando a persistir em sua luta para criar um espaço para si e para seu povo, mantendo a cabeça erguida e lançando um olhar duvidoso para as visões e interpretações normativas, ousando ser diferente. Toni Morrison disse isso de dentes-de-leão: "Ninguém ama a cabeça de um dente-de-leão. Talvez porque são tantos, fortes e rápidos."

Essas mulheres também são como flores de cardo que tem muitas semelhanças com o dente-de-leão, especialmente em sua ubiquidade e pugnacidade. Embora não sejam classificadas como ervas daninhas, as flores de cardo são muitas vezes vistas como ervas daninhas que precisam ser destruídas. Como dentes-de-leão, suas sementes são espalhadas por todos os terrenos, incluindo terras agrícolas, o que as torna um dos inimigos mais odiados das pessoas que cultivam a terra. Os espinhos afiados em toda a sua superfície evitam que sejam comidas e lhes dá o nome de "cardo", embora a própria palavra tenha sua origem a partir da palavra sânscrita,

⁶ HÖLDERLIN, Frederick. *Hymns and Fragments*. New Jersey: Princeton University Press, 1984, p. 102.

que significa "é afiada". Essas flores de cardo são bastante afiadas! O que é ainda mais adequado é que o nome científico do cardo do Caminho vem da palavra grega *kirsion*, que tem suas raízes na palavra *kirsos*, que significa "veias inchadas". Acredita-se que as flores de cardo foram usadas para tratar "varizes". Bem, isso não diz algo? As flores do cardo podem tratar egos inflados.

Algumas das características dessas duas flores – dente-de-leão e cardo - merecem ser examinadas, pois estas são o que torna as mulheres mencionadas acima significativas e lhes dá sua legítima identidade como reformadoras.

1. Tornadas vilãs, mas não vítimas: Flores de cardo e dentes-de-leão são odiados por agricultoras e agricultores, amantes de jardins – para não mencionar as pessoas que moram em casas com gramados – porque perturbam a boa ordem das coisas: o gramado lindamente cortado ou a terra bem cultivada. Portanto, eles são destruídos com gosto. Em algumas áreas, eles são queimados com a esperança de que não brotem, mas essas plantas são bastante resistentes. Quanto mais elas são cortadas ou arrancadas, mais resolutas elas se tornam. Elas têm grande poder regenerativo e podem crescer de uma raiz quebrada de menos de três centímetros de comprimento. Elas se recusam a serem vítimas e se mantêm firmes. Quanto mais são retiradas, mais prevalecem. Sua situação pode ser desesperadora, elas podem ser marginalizadas, e podem não ter sotaque certo ou falar o idioma. Mas em vez de chorar "por que você está nos tirando", elas simplesmente ficam enraizadas. É como se estivessem dizendo: você pode tentar destruir-nos o quanto quiser, mas quanto mais você tenta, mais fortes sairemos. Podemos ser tornadas vilãs, mas não somos vítimas.

2. Silenciadas, mas não mudas: Dentes-de-leão e flores de cardo são o que chamamos de pessoas intocáveis ou subalternas, onde existe um grupo dominante ou um mestre que subjuga e priva as intocáveis de rosto e de voz. Crescendo e florescendo em espaços onde elas não são bem-vindas, elas são um incômodo e, por isso, são invisibilizadas e silenciadas, porque vê-las desfoca uma visão, antes clara, e ouvi-las produz uma nota dissonante numa harmonia antes confortável. Então, o que essas flores fazem? Diante da humilhação, muitas vezes elas têm que falsificar sua própria realidade, sua voz. Elas não podem *dizer* isso. Para citar Audre Lorde, "tentamos e continuamos tentando desdizê-lo, pois, se não o fizermos, o mestre não deixará de preencher os espaços em branco em nosso nome e seremos ditos."⁷

Mas essas flores são inteligentes; elas fazem com que o mestre acredite que elas estão fazendo o que ele quer e mostrando uma deferência aparente o tempo todo, mas nunca cedendo ao mestre e preservando sua identidade. Em outras palavras, elas praticam a arte do mimetismo, como Homi Bhabha o chamaria, ou nos termos de Octavio Paz, a dissimulação. Ou então elas ficam em silêncio, seu silêncio envolvendo mil palavras. Nas palavras de Trin T. Minh-ha: "Tudo

⁷ TRINH T., Minh-ha. *Woman, Native, Other*. Indianapolis: Indiana University Press, 1989, p. 80.



depende da forma como nos afiamos nos limites da realidade... O silêncio como uma recusa em participar da história nos fornece um meio para obter uma audiência. É voz, um modo de proferir, e uma resposta por direito próprio."⁸ Em outras palavras, elas podem não ser capazes de "falar", mas elas podem pregar. Elas são apóstolas. Elas têm o poder de despertar as pessoas de seu sono, limpar sua visão ou cegá-las com a luz conforme a situação exige, levando à redenção. Como o apóstolo Paulo, elas dizem: Eu sou uma testemunha, eu vi e eu estou testemunhando isso! Deve ser essas flores a que Martin Buber estava se referindo quando ele disse: "cristã é a pessoa 'incompreensivelmente ousada' que afirma em um mundo obviamente não redimido que a redenção já aconteceu."⁹

3. Malditas, mas curativas: "Dane essas flores" muitas vezes é o refrão das pessoas quando veem os dentes-de-leão no gramado. O mesmo é dito por pessoas que caminham ao longo das estradas, porque pisam as espinhosas flores de cardo. Elas são afiadas e picantes, mas essas flores periféricas também são salvadoras. Os extratos de leite de cardo são usados como "tônicos hepáticos"; acredita-se que melhoram o funcionamento do fígado e são usados para tratar cirrose hepática, hepatite crônica e danos no fígado causados por toxinas. É uma desintoxicadora. Não só purifica o sangue, como também melhora a circulação do sangue. Os dentes-de-leão são uma boa fonte de vitaminas e são usados em saladas. Suas folhas são usadas como chá. As raízes são usadas para tratar doenças do fígado e da vesícula biliar e mais recentemente para matar células cancerosas. O extrato de dente-de-leão é usado para tratar abscessos e feridas e acredita-se que as flores promovam a lactação.

Assim, essas flores podem ser um incômodo e uma dor, mas podem ser e têm sido salvadoras de vida. Lembra de um cara chamado Jesus? Ele era um cardo espinhoso para as autoridades da época; ele foi não apenas amaldiçoado, mas também crucificado. Mas ele era e ainda é aquele que cura todos os males e enche novamente a vida. Por mais indesejáveis que sejam, essas mulheres têm feito um mundo de diferença. Elas não só abriram os olhos para uma perspectiva diferente, mas talvez tenham até curado a visão míope.

4. Diferentes, mas com uma diferença: Em *Como é ser eu, uma colorida*, Zora Neale Hurston diz: "É eletrizante pensar - saber que, para qualquer ação minha, eu recebo duas vezes mais elogios ou duas vezes mais culpa. É bastante emocionante manter o centro do palco nacional, com os espectadores não sabendo se riem ou choram." Os teólogos e as teólogas dentes-de-leão e cardos, por vezes (muitas) têm a mesma experiência. Muitas vezes, são deixadas na beira das estradas, mas quando conseguem fazer parte do grupo principal, é para adornar, um buquê para as pessoas dizerem: "uau! Isso parece tão diferente e dá um toque único." Elas são como animais em um zoológico, são alvos de olhares, comentários e risos. Elas

⁸ TRINH T., 1989, p. 83.

⁹ BUBER, Martin. *Israel and the World: Essays in a time of crisis*. Syracuse University Press, 1963, p. 39-40.



são diferentes e fazem boas ornamentações. Mas isso não é o que significa ser diferente. A diferença não é sobre divisão. Nem é uma ferramenta de autodefesa ou conquista. É assim que um poeta Zen definiu a diferença e eu cito:

Você não pode segurá-la,
Mas você não pode perdê-la.
Ao não conseguir obtê-la, você entendeu.
Quando você fica em silêncio, fala;
Quando você fala, é silencioso.¹⁰

E isso foi muito antes de Derrida ter concebido o termo **Différance**. Ser diferente não é algo que é definível no sentido de ser única ou ter uma identidade especial, a menos que faça a diferença. Como diz o poeta Zen, você percebe isso porque fez a diferença. E este é o ponto. Não se trata apenas de ser diferente, mas de fazer a diferença, seja trazendo uma cura ou a justiça. Essas flores, essas mulheres, são diferentes na medida em que trazem uma diferença que dá vida. Elas são aquelas que conhecem e sabem melhor. Elas sabem o que deve ser temido e o que deve ser ousado e elas se atrevem a ser diferentes para fazer a diferença! Aceitar a diferença, ser diferente, é uma questão de fé. Fazer a diferença é uma questão de amor. Isso, para Lutero, é a relação e a distinção entre fé e amor.

5. Bagunçadas, mas ainda assim messiânicas: Dentes-de-leão e flores de cardo são extremamente bagunçadas, mas ainda assim elas são messiânicas; elas podem parecer desesperadas, mas elas são irremediavelmente esperançosas. Elas são aquelas que esperam contra a esperança.

Acredita-se que as flores do cardo tenham nelas substâncias especiais que servem como estimuladoras da memória. Estimulam o córtex cerebral que é o assento da memória e possibilita o ato de lembrança. Em outras palavras, essas flores negligenciadas das margens do caminho têm o poder de despertar até os mortos. Elas trazem à memória o que foi esquecido. Elas podem ser ignoradas e esquecidas pelo caminho, mas elas não vão deixar você esquecer. Elas evocam a memória do que foi mantido afastado e escondido. E a lembrança ou a rememoração têm nelas o que o filósofo judeu Walter Benjamin chama de "poder messiânico fraco". Mas por que isso é chamado de poder messiânico "fraco"? Recordando o apóstolo Paulo, "o poder se cumpre na fraqueza". As plantas dentes-de-leão e as flores do cardo, talvez não estejam na moda, podem parecer fracas e desordenadas, mas é nelas e através delas que explode a força. Deixadas de lado, se tornam colecionadoras, contadoras de histórias, fotógrafas de coisas e eventos. Em suma, elas se tornam armazéns ou reservatórios de memórias que só elas são capazes de traduzir e transmitir para outras. Na sua transmissão e tradução, elas criam um momento de

¹⁰ Poesia Zen citada em: WATTS, Alan W. *Nature, Man and Woman*. New York: Vintage Books, 1970, p. 121.



ruptura que recorda as injustiças do passado que o mundo prefere esquecer na sua corrida para o progresso. O fraco poder messiânico de que Benjamim fala é através do qual vem o messias, através do qual a esperança entra. É através da lembrança que o passado conversa com o presente; a lembrança olha o passado com um olhar agitado e um tom de interrogação, tanto que, no discurso que segue, o presente se levanta da letargia. A memória alimenta a centelha da esperança da redenção. Isso nos coloca em movimento e nos desloca da submissão. Então, veja que é por causa das flores bagunçadas e sem esperança que temos esperança. Ou para usar as palavras de Benjamin, "é por causa dos desesperados [os dentes-de-leão e os cardos] que a esperança nos foi dada."¹¹

Essas mulheres, portanto, são dentes-de-leão e flores de cardo. Mas essa não é a história completa. Sua teologização tem outro personagem - o de um lótus. Mas, o que é um lótus? O sagrado Lotus ou *Nelumbo nucifera* é a flor nacional da Índia. Enquanto as flores do cardo são afastadas para as margens ou as periferias, o lótus cresce nas margens.

É uma beleza requintada, mas não há nada de bonito sobre o lugar onde cresce. Seu habitat natural são as lagoas com água enlameada e turva. "Eca" será uma resposta automática se alguém estiver perto de uma dessas lagoas. Mas é da lama que emerge esta flor requintada. Não é o que você esperaria que crescesse num ambiente sujo e deprimente. Não há nada remotamente glamoroso sobre o lugar e eles quase sempre estão associados à negatividade, mas há algo muito autêntico e esperançoso nesses espaços. Eu digo autêntico porque a autenticidade é o núcleo, o que está no centro da pessoa, a essência espiritual de alguém. Como o trabalho de uma artista, sua presença autêntica é a magnífica expressão da obra de Deus. O que pode ser mais belo que uma flor-de-lótus? Uma deusa emergindo do lixo! As flores-de-lótus não sucumbirão à negatividade que as rodeia, mas resistirão e persistirão. Elas oferecem esperança; elas prometem que o sofrimento, a opressão, a violência, as guerras, não terão a última palavra. As flores-de-lótus abrem caminho para sair das circunstâncias sombrias e nojentas e mantêm a cabeça erguida para que todas vejam, como se dissesse: você não esperava que eu florescesse, não é? Mas, aqui estou eu. Você pode não querer me olhar, mas Deus a ajude se resistir à minha atração. Ela parece estar dizendo: estou no mundo, mas não sou do mundo. Eu sou diferente, Deus me fez diferente para fazer a diferença. E aí está o seu evangelho!

Uma flor-de-lótus floresce do fundo seco de uma lagoa após as chuvas torrenciais. Assim, acredita-se que é o símbolo da ressurreição, da nova vida. A flor pode parecer frágil, mas se você tentar quebrar o talo do lótus, você descobrirá que não é fácil. A haste dobrará, mas não vai quebrar, apontando assim para a sua resiliência. Estudos demonstraram que as sementes de lótus têm cascas de sementes impermeáveis e duras e conhecidas por sua longevidade, e os

¹¹ BENJAMIN, Walter. *Illuminations: Essays and Reflections*. New York: Schocken Books, 1968, p. 17.



registros mostram que elas germinam mesmo após oito séculos. De condições sujas, fétidas e indesejáveis emerge, ou nasce, essa bela e frágil flor. O que isso diz? Existe uma maneira melhor de pensar na encarnação? Jesus nasceu em uma estrebaria. O ambiente de uma estrebaria é bastante comparável ao ambiente lamacento e fedorento onde a flor-de-lótus floresce - cercado por estrume, urina de gado, com uma vaca como médica e o boi como pediatra, com cuidados de enfermagem deixados para as ovelhas e as cabras. A floração de lótus é a encarnação por excelência! E mesmo depois de séculos, esse lótus floresce, se apenas prestássemos atenção.

Então, aqui temos os dentes-de-leão e a flor do cardo de um lado e a flor-de-lótus do outro. Flores que são diferentes e ainda parecidas! Podemos ver isso como Lei e Evangelho; um que é espinhoso, chamado lei e outro que exala esperança, o evangelho. Um que nos condena e o outro que salva. Um nos perfura, desperta para quem somos, pessoas pecadoras, e o outro nos acalma e nos lembra que há esperança para nós, pecadoras como somos, que também somos santas.

Mas isso não é tudo. Esses lótus vivem a teologia da cruz. Veja:

1. Força escondida sob fraqueza - Não há nada que remotamente sugira força onde uma flor-de-lótus cresce. Mas, independentemente das circunstâncias frágeis e delicadas, a flor-de-lótus se ergue e se mantém firme. Ela não está prestes a ser desconsiderada. Força na fraqueza de fato!

2. Glória sob vergonha – As flores-de-lótus não florescem em lagoas bonitas e bem conservadas ou lugares de glória como na Lagoa de Walden. Eles florescem no que de outra forma seriam tidos como ambientes vergonhosos. Mas uma vez que elas florescem, nada pode igualar sua glória! Glória escondida sob o seu oposto, vergonha.

3. Mas o mais importante de tudo - uma teóloga da cruz chama uma coisa pelo que é. Não há camuflagem ou dissimulação. Ela está no seu rosto! Ela é uma *parrhesias!* Ou para usar o idioma de um teólogo indiano, ela é um *satyagrahi* - amante da verdade e quem arrisca tudo por isso. Ser ousada e dizer a verdade é uma coisa muito arriscada e você pode muito bem perder sua vida. Mas você desafia todas as probabilidades, se ergue e diz: aqui estou eu!

As mulheres, Jodhaa, Ramiamanana Ralivavo Marthe, Parmata Abasu Ishaya, Marthe Ahmadou, Prasanna Kumari Samuel e Musimbi são flores-de-lótus. Elas não sucumbiram à confusão e às circunstâncias fétidas. Mas, em vez disso, desafiaram tudo e ergueram a cabeça. As circunstâncias péssimas e cruéis não as impediram, mas tornaram-nas ainda mais determinadas. São lótus que desafiaram as águas turvas que as cercaram e ofereceram esperança a outras. Acredita-se que Santo Agostinho tenha dito: "A esperança tem duas lindas filhas. Os seus nomes são raiva e coragem." Podemos ser essas filhas? Podemos estar com raiva



da forma como estão as coisas, raiva da ordem inaceitável e desumanizante das coisas? Podemos ter a coragem de desafiar o *status quo* e mudar esses sistemas injustos e estruturas opressivas, para que, como as flores-de-lótus, também possamos ser faróis de esperança para outras pessoas, também possamos ser pessoas reformadoras.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Illuminations: Essays and Reflections*. New York: Schocken Books, 1968.

BUBER, Martin. *Israel and the World: Essays in a time of crisis*. Syracuse University Press, 1963.

HÖLDERLIN, Frederich. *Hymns and Fragments*. New Jersey: Princeton University Press, 1984.

TRINH T., Minh-ha. *Woman, Native, Other*. Indianapolis: Indiana University Press, 1989.

WATTS, Alan W. *Nature, Man and Woman*. New York: Vintage Books, 1970.